



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XIV
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

PATRÍCIA FERREIRA DE SANTANA

**LITERATURA, HISTÓRIA, MEMÓRIA E SERTÃO: IDENTIDADE SERTANEJA
ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO NO ROMANCE ESSA TERRA DE
ANTÔNIO TORRES**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
2015**

PATRÍCIA FERREIRA DE SANTANA

**LITERATURA, HISTÓRIA, MEMÓRIA E SERTÃO: IDENTIDADE SERTANEJA
ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO NO ROMANCE *ESSA TERRA DE*
ANTÔNIO TORRES**

Monografia apresentada ao Colegiado do
Curso de Licenciatura em História da
Universidade do Estado da Bahia –
Campus XIV – Conceição do Coité-BA,
como pré-requisito para obtenção do título
de Graduação em Licenciatura em
História.

Área de Concentração: História e
Literatura

Orientadora: Prof^a. Msa. Adriana Silva
Teles Boudoux.

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
2015**

PATRÍCIA FERREIRA DE SANTANA

**LITERATURA, HISTÓRIA, MEMÓRIA E SERTÃO: IDENTIDADE SERTANEJA
ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO NO ROMANCE *ESSA TERRA DE*
ANTÔNIO TORRES**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV* – Conceição do Coité-BA, como pré-requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em História.

Área de Concentração: História e Literatura

Orientadora: Prof^a. Msa. Adriana Silva Teles Boudoux.

BANCA EXAMINADORA

Data da apresentação: _____/_____/_____

Professora Mestra Adriana Silva Teles Boudoux (Orientadora)
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Professor Mestre Kleber José Fonseca Simões
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Professora Mestra Cláudia Perreira Vasconcelos
Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo se fecha e com ele a alegria e a certeza de que os desafios valeram a pena à medida que serviram para agregar conhecimentos e experiências ricas e múltiplas nesta trajetória. As lutas não foram em vão, nem tampouco as madrugadas vividas na companhia de textos e autores. Lágrimas e sorrisos foram intensamente vivenciados neste processo de formação no curso de Licenciatura em História. Oportunidade única de crescimento pessoal e profissional.

Toda minha gratidão a Deus, Ele que sempre renovou minhas forças nos momentos em que pensei que não as possuía que me deu livramentos e me concedeu a convivência com pessoas queridas das quais jamais me esquecerei.

A minha família, em especial a minha mãe, mulher guerreira que embora tenha estudado pouco, sempre acreditou que a educação pode transformar vidas, e me apoiou na decisão da docência.

A minha filha Anna Beatriz, a quem devo a coragem que me motivou e sustentou nesta jornada com seu abraço e seu sorriso após dias e noites de estudo.

Obrigada minha pequena, minha amiga e companheira.

Aos meus professores, mestres queridos, o meu muito obrigado pelos seus valiosos ensinamentos, em especial a minha orientadora Adriana Boudoux pela paciência e carinho que sempre me tratou, pela generosidade em dividir comigo seus conhecimentos.

Não poderia deixar de agradecer às amizades especiais que construí ao longo desta jornada e que levarei para a vida.

A História não é um ritual de apaziguamento, mas de devoção, de despedaçamento. Ela não é bálsamo, é fogueira que reduz a cinzas nossas verdades estabelecidas, que solta fagulhas de dúvidas, que não torna as coisas claras, que não dissipa a fumaça do passado, mas busca entender como esta fumaça se produziu.

Durval Muniz de Albuquerque

RESUMO

Este trabalho estuda a relação entre Literatura, História, Memória e representações identitárias no romance *Essa Terra* escrito pelo baiano Antônio Torres e publicado em 1976, com o objetivo de analisar a importância deste romance para a problematização das identidades no universo sertão-Junco, terra natal do escritor. O estudo é feito através da reflexão da dialogicidade das narrativas literárias e históricas. A metodologia da pesquisa é baseada na leitura e análise da obra e de estudos de produções historiográficas referentes ao tema. A monografia está dividida em dois capítulos. O primeiro prioriza o entrelaçamento da Literatura, História e Memória e o segundo é voltado para a análise das representações identitárias sobre o Sertão, que permeiam a narrativa. A análise demonstra que a narrativa singular do romancista representa as tensões sociais e humanas por meio do imaginário, este tomado como produtor de realidades.

Palavras-chaves: História. Literatura. Memória. Identidade. Sertão.

ABSTRACT

This paper studies the relationship between literature, history, memory and identity representations in the novel *This Earth* written by Bahia Antonio Torres and published in 1976 with the objective of analyzing the importance of this novel to the questioning of identities in the wild-Reed universe homeland the writer. The study is done by reflection of dialog of literary and historical narratives. The research methodology is based on the reading and analysis of the work and studies of historiographical productions on the topic. The monograph is divided into two chapters. The first emphasizes the intertwining of Literature, History and Memory and the second is focused on the analysis of identity representations of the Interior, which permeate the narrative. The analysis demonstrates that the singular novelist's narrative is the humanities and social tensions through imagery, taken as a producer of realities.

Keywords: History. Literature. Memory. Identity. Hinterland.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 - LITERATURA HISTÓRIA E MEMÓRIA	11
1.1 INTERFACES DO LITERÁRIO E DO HISTÓRICO	11
1.2 LITERATURA E MEMÓRIA	19
CAPÍTULO 2 - IDENTIDADE SERTANEJA	28
2.1 O SERTÃO: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES	28
2.2 TRADICIONAL E MODERNO: TENSÕES, ENTRECruzAMENTOS E FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE SERTANEJA	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A realização de estudos historiográficos voltados para obras literárias como objeto de pesquisa tem sido frequentemente desenvolvidos no meio acadêmico. Nas últimas décadas, temos observado um interesse maior pela análise da relação existente entre História e Literatura, fato possível de ser observado pela crescente opção dos estudantes em percorrer este caminho, e também pela possibilidade de dar continuidade a pesquisa através de mestrados e doutorados na área.

O processo de análise que aqui se pretende será feito com base em leituras e problematizações de *Essa Terra*, que faz parte da trilogia composta também pelos romances: *O cachorro e o Lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), escritos por Antônio Torres, um dos maiores romancistas brasileiros. Publicada pela primeira vez em 1976 pela editora Ática, a terceira obra do escritor, *Essa Terra*, é considerada a de maior repercussão literária de sua longa trajetória de sucesso. Foi a partir deste romance que Torres conquistou maior visibilidade internacional. O escritor constrói uma narrativa singular do Sertão no espaço do Junco (sua terra natal) abordando o êxodo rural e a trágica história de regresso, os conflitos oriundos da modernidade e as identidades fragmentadas do sertanejo. Na narrativa há o entrelaçamento da literatura, história, memória e sertão. A memória é em *Essa Terra*, aspecto especial para este estudo. Percebemos em diversos momentos do romance às lembranças do vivido e do acontecido através das trajetórias dos personagens. A lembrança de um passado rural, das raízes, da terra e como o espaço do pequeno Junco se propaga nas construções dos processos identitários que aqui serão analisados.

As relações entre as temáticas presentes no romance serão estudadas neste trabalho como representações. Nesta obra, as experiências dos personagens nos faz refletir sobre o entrecruzamento do real/ imaginário como formas de representar o mundo. A vida narrada no universo criado por Torres revela entre outros aspectos, o cotidiano do Junco, cenário principal do romance. O discurso de Torres através das falas dos personagens expressa uma linguagem, que enriquece ainda mais a narrativa, e traz também uma sensibilidade do escritor que se revela no respeito a seus personagens e aos seus costumes.

A escolha pelo estudo de *Essa Terra* ocorreu principalmente por uma identificação pessoal com as temáticas presentes no romance, como a migração, o

Sertão, a memória, a terra, a saudade entre outros. E por perceber a possibilidade de realizar um estudo partindo do imaginário, dos modos de ver, perceber e sentir o mundo do qual seus personagens faziam parte. O autor nos mostra uma sensibilidade voltada para a percepção dos homens a procura de sentidos para a própria existência.

Desse modo, este trabalho tem como objetivos analisar as formas de diálogos entre literatura, história e memória, através das dimensões sócio-culturais e representativas dos processos identitários presentes no romance, mostrar quais os impactos das mudanças na vida do sertanejo/interiorano com a desterritorialização e reterritorialização de sua terra. Problematizaremos também a relação estabelecida entre os personagens e a terra através dos sentidos, olhares e simbologias do viés literário.

Tendo em vista, a importância da literatura na construção e/ou desconstrução do espaço, também nos debruçaremos no campo da representação, conceito trabalhado por Roger Chartier (2000) que aponta que as representações são partes do mundo social. São produtos humanos que são influenciados e ao mesmo tempo interferem no contexto em que são produzidos. É uma prática social e cultural, situada num campo de disputas que incorpora as intencionalidades de quem representa, visando determinadas finalidades. Também neste sentido, a historiadora Sandra Pesavento (2006) afirma que: “ao construir uma representação social da realidade, o imaginário passa a substituir-se a ela, tomando o seu lugar. O mundo passa a ser tal como nós o concebemos, sentimos e avaliamos.” Notamos assim que é o homem que dá sentido e significado ao mundo, por isso a literatura aqui tomada para estudo é compreendida como produtora da história.

Entretanto, Boudoux (2008) adverte que a pesquisa historiográfica tendo como objeto de estudo e análise o texto literário, se configura como um desafio no sentido de reduzi-la a um documento da história. E por mais que possuam discursos diferenciados, se constituem como recriações do real, o que torna possível o diálogo entre ambas. Além disso, a literatura como afirma Pesavento (2006) é uma fonte privilegiada de acessibilidade ao passado, cabe a nós historiadores, a sensibilidade de perceber as ricas possibilidades para diversas interpretações literárias.

Esta análise será dividida em dois capítulos, sendo que no primeiro ao qual intitulamos: *Literatura, História e Memória* trabalharemos a relação estabelecida entre estas formas de representação. Busca-se observar questões inerentes a

oposição real/imaginário, partindo da ideia de que o imaginário permite uma recuperação do passado por meio de olhares, sentidos e análises diversas. A discussão levará em consideração que este campo fornece possibilidades de discussões sobre as construções das representações sociais do mundo. As transformações ocorridas no lugar também serão problematizadas. A memória ganha neste estudo uma atenção especial. As lembranças, as memórias, a saudade do vivido e a busca pelo resgate e manutenção das vivências possuem forte ligação com a proposta de análise do trabalho.

No que diz respeito ao segundo capítulo, denominado *Identidade Sertaneja*, nos voltaremos para problematizar os olhares construídos sobre o sertão. Espacialidade vista como definidora de características, imagens e identidades. Examinaremos as diferentes formas de dizer o Sertão e o sertanejo. Além disso, discutiremos o processo migratório vivenciado pelos personagens do romance em estudo, na tentativa de averiguar no que se concentrava as expectativas do deslocá-se, da mesma forma que abordaremos as experiências adquiridas ao fazer. Assim, julgamos necessário discutir as ideias forjadas acerca do Sertão e do ser sertanejo, usadas como critério de diferenciação, subjugação e preconceitos dos olhares construídos nas demais regiões do Brasil.

Portanto, esta análise poderá contribuir para os demais pesquisadores que desejarem ingressar neste universo de estudo, que além de fascinante, tem muito a colaborar para novos achados no que se refere à época histórica e as temáticas abordadas. Vale destacar ainda que este estudo colaborará para compreender a Literatura como representação social e produtora de realidade.

CAPÍTULO 1 - LITERATURA HISTÓRIA E MEMÓRIA

1.1 INTERFACES DO LITERÁRIO E DO HISTÓRICO

A análise aqui proposta buscará mostrar a relação entre literatura, história e memória em *Essa Terra*, que teve a primeira edição publicada em 1976 e foi reeditada em 2001 após 25 anos da primeira edição. Publicada também em outros países como a França, a obra ganhou aceitação e credibilidade pelo grande público. Além de *Essa Terra*, o escritor baiano Antônio Torres escreveu também: *Um cão uivando para a lua*, 1972, *Os homens dos pés redondos*, 1973, *Carta ao bispo*, 1979, *Adeus, velho*, 1981, *Balada da infância perdida*, 1986, *Um táxi para Viena d'Áustria*, 1991, *O centro das nossas desatenções*, 1996, *O cachorro e o lobo*, 1997, *O circo no Brasil*, 1998, *Meninos, eu conto*, 1999, *Meu querido canibal*, 2000, *Essa Terra* (edição comemorativa de 25 anos), 2001, *O Nobre Sequestrador*, 2003, *Pelo Fundo da Agulha*, 2006, *Minu, o gato azul*, 2007 (história para crianças), *Sobre pessoas*, 2007 (crônicas, perfis e memórias), *Do Palácio do Catete à venda de Josias Cardoso*, crônica, 2007.

Conhecido internacionalmente, Torres teve obras publicadas em países como Itália, Argentina, México, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Portugal, Israel entre outros. Atualmente é considerado um dos melhores autores da sua geração. Foi condecorado pelo governo francês, em 1998, como “Chevalier des Arts et des Lettres”, por seus romances publicados na França. No ano 2000, o autor recebeu o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, também foi premiado com o Prêmio Zaffari & Bourbon, da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Em 2006, conquistou o Prêmio Jabuti pelo romance *Pelo fundo da agulha*. Sua terra natal, o Junco também aparece na obra *O Cachorro e o Lobo*, anos depois da publicação de *Essa Terra*. Em 2013 Antônio Torres foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, grande reconhecimento pelo brilhante trabalho desenvolvido em suas obras.

Nascido no ano de 1940, num pequeno povoado chamado Junco, atual Sático Dias, situado no Sertão baiano, Torres desde cedo vivenciou a migração, descolando-se para a cidade grande. Em Alagoinhas estudou o ensino fundamental, posteriormente foi para Salvador, onde conquistou um trabalho como repórter no Jornal da Bahia. Também residiu em São Paulo, onde trabalhou com publicidade. Ao vivenciar a rotina daquela cidade pode testemunhar muitas experiências dos

sertanejos que para lá migraram. *Essa Terra* é considerada por muitos críticos como uma obra autobiográfica, uma vez que o autor saindo do interior da Bahia migrou para o Sudeste brasileiro, situação também vivida por alguns dos seus personagens. O romance traz alguns temas regionais, mas com olhares diferenciados, sendo possível refletir sobre seu caráter crítico.

Essa Terra é dividida em quatro partes, intituladas: *Essa Terra me chama*, *Essa Terra me enxota*, *Essa Terra me enlouquece* e *Essa Terra me ama*. Apesar dessa divisão, a obra não possui uma linearidade, não consiste em uma narrativa com início, meio e fim. A terra aparece em toda a obra, desde o título, as partes, até as vivências estabelecidas no Junco. As histórias apresentadas na obra são fragmentadas, assim como as trajetórias dos personagens que a compõe. No texto não existe apenas um narrador. Em alguns momentos percebemos que um cede à palavra a outro, apesar de Totonhim ser considerado o principal, são vários narradores que dividem a narrativa.

Os temas abordados no romance de Torres, como a migração, a relação entre os personagens e a terra, o Sertão, o rural e a modernidade ocupando o espaço da cidade, entre outros, evidenciam relações complexas, simbólicas e representativas. O papel da mulher também é algo explorado por Torres na obra. A figura da mãe de Totonhim e Nelo é muito forte nos rumos da narrativa, ela é responsável pela tomada de decisões importantes no seio familiar, como por exemplo, ela é a grande incentivadora do primogênito, Nelo, para migrar. Inclusive, a mãe é uma personagem que difere do pai entre outros aspectos pela sua coragem para a partida, para a mudança de lugar, ela não se preocupava em deixar para trás as raízes construídas tanto na família como nas ações cotidianas. Dessa forma, as trajetórias presentes no romance se cruzam, e não há uma cronologia exata no desencadear dos fatos. Nesta perspectiva, *Essa Terra* é uma obra que possui singularidades, e isso a torna ainda mais convidativa para análise.

O romance de Torres aborda os dramas, conflitos e fragilidades do personagem Nelo frente às desilusões vivenciadas com sua partida do Sertão-Junco para São Paulo. Neste contexto, observamos uma postura política e social do autor, que na sua narrativa desmascara a realidade de descaso e desigualdade social vivida pelos sertanejos, mas também se atenta para as mudanças às quais o lugar estava passando com a chegada da modernização, aspecto que analisaremos no segundo capítulo deste trabalho. Torres além de demonstrar o cotidiano do Junco,

como o lidar com a terra e as relações estabelecidas nela, também nos faz refletir como o sertanejo era visto no Sul através dos discursos produzidos e de imagens já legitimadas no imaginário brasileiro. Sendo assim, reconhecemos a relevância da obra para o fomento de discussões em torno da preciosidade das fontes literárias no diálogo com a história.

Sendo assim, entender a aproximação entre História e Literatura se configura como primordial nesta análise. Na narrativa de Torres os dois campos de produção se aproximam, na medida em que a literatura assim como a história são produtoras da realidade assim como constroem elementos que dão significados a mesma, através do real e do imaginário. A literatura, então, pode ser pensada e entendida não apenas como ficção, mas, como representação de uma realidade vivenciada num tempo e espaço, estes, delimitados pelo autor, que ao optar pela temática a ser abordada pode transmitir através da narrativa, aspirações profundas.

Partindo de uma concepção sobre representação, Roger Chartier (1980) defende que a História é uma representação do mundo social, construída atendendo aos interesses dos grupos que a forja. Entende que nas representações pode se “compreender os mecanismos pelos quais os grupos impõem ou tentam impor a sua concepção do mundo social, os valores que são seus e os seus domínios”. (1980, p.17). O autor mostra que as representações são partes do mundo social. São produtos humanos que são influenciados e ao mesmo tempo interferem no contexto em que são produzidos. É uma prática social e cultural, situada num campo de disputas. Incorpora as intencionalidades de quem representa, visando determinadas finalidades. Como aponta Chartier (2000):

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupos que as forjam. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Nota-se, portanto, que embora haja uma tentativa de imposição de uma representação sobre as demais, também há resistências e lutas contrárias a essa prática, pois, como dito anteriormente as representações não são formadas em campos neutros. Se, por um lado, os sujeitos assim como as práticas culturais são diversos, por outro, ao transitarem em diferentes grupos podem sofrer influências de acordo com seus interesses.

Notamos assim que são os homens e as mulheres que dão sentido e significado ao mundo. *Em História e Literatura: Uma velha nova história*, Pesavento (2006) nos convida a conhecer o processo do diálogo entre a história e a literatura. Para tanto afirma que a princípio, a literatura era considerada apenas uma descontração, enquanto para a história era reservado o papel de preservar a verdade histórica. Explica que posteriormente, houve o rompimento desta postura por meio do que denomina “crise dos paradigmas” em que as supostas verdades passaram a ser questionadas, bem como as formas de explicação do real e essas mudanças perpassaram no campo da representação e do simbólico. Esse rompimento permitiu redimensionar as relações entre os discursos literários e históricos, questionando a oposição real/imaginário.

Neste processo, o imaginário começa a ser estudado como forma de ver, dizer e expressar o real. É compreendido pela autora acima citada, como uma forma de representar aquilo que não foi visto e experimentado. O imaginário age na organização do mundo, por isso pode ser real até mais que a concretude do real.

O imaginário é sistema produtor de idéias e imagens que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e conceitual, que forma o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível. (PESAVENTO, 2006, s/p.)

Assim, compreendemos o imaginário como construtor de uma representação social da realidade, que pode ser acessado através da significação por meio da existência que lhe atribuímos. Ao citar Le Goff¹, Pesavento mostra que o imaginário nada mais é do que construção social, rica de sentido e significado sobre o mundo. Por isso, tanto a história quanto a literatura podem explicar o real através de suas narrativas. E o trabalho com a literatura através do imaginário permite uma elaboração do passado por meio de olhares, sentidos e análises trazendo elementos que muitas vezes não estão presentes nas fontes oficiais.

Entender as formas de aproximação e distanciamento entre esses campos é um desafio na medida em que há fronteiras postas entre realidade e ficção. Segundo Paul Ricouer (1913), a concretização da história e da literatura só acontece porque há uma tomada de empréstimos da intencionalidade uma da outra. Tanto a história

¹ LE GOFF, Jacques História e Memória. Trad. De Bernardo Leitão. 4. ed., Campinas, SP: EDUNICAMP, 1996.

quanto a ficção reconfiguram seu tempo numa troca mútua de intenções. É importante ressaltar nesta análise, o papel do imaginário para examinar o passado tal como foi, incorporando a consideração do que poderia ter sido, de forma a fazer aproximações com o que foi. Para Ricouer “a história reinscreve o tempo da narrativa no tempo do universo” (p. 317), sendo sua especificidade no referencial historiográfico. É por meio do imaginário que se dá então, o entrelaçamento da história e da ficção no tempo. Assim, através da verossimilhança é que o homem relaciona o provável da história e o poderia ter sido do romance que se distancia do reflexo de um passado histórico, e se aproxima das possibilidades de interpretar as duas formas de dizer o real.

De acordo com Pesavento, é necessário repensar algumas discussões em que a literatura é analisada como uma narrativa do que poderia ter acontecido e a história como a narrativa verídica dos fatos. Pois o não- acontecido pode ser fonte para a interpretação do passado pelo historiador, na medida que o trabalho com os personagens literários tem sua existência enquanto possibilidades e podem ser encarados como reais a partir de uma verdade simbólica, ou seja esses personagens expressam em suas trajetórias sentimentos e atitudes humanamente vivenciadas. Assim, o trabalho de um historiador é buscar a “verdade” do acontecido, mas o que faz é criar possibilidades para o acontecido. Portanto, a história é construída a partir de versões e possibilidades do real, criadas por meio de representações e pode encontrar nos textos literários, ricas fontes para a pesquisa. Neste sentido, a literatura:

[...] uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Fonte especialíssima, porque lhe dá a ver, de forma por vezes cifrada, as imagens sensíveis do mundo. A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2006. s/ p.)

Assim é possível estabelecer um diálogo entre a história e o texto literário, este considerado expressão de formas de pensar e agir em que as narrativas se apresentam como possibilidades de estudos sob o olhar historiográfico. Partindo dessas reflexões, acreditamos no entrelaçamento da história e da literatura no romance aqui analisado. Pois há o registro de histórias e experiências de vida tanto individual quanto de grupos sociais. Logo na primeira parte da obra intitulada *Essa*

Terra Me Chama, primeira parte do romance em estudo, percebemos através do narrador essa forte ligação entre os discursos. O personagem Caetano Jabá traz características de fatos históricos como a Guerra de Canudos²:

Pior é na guerra, onde filho chora e pai não vê - diz Caetano Jabá, que não foi o único a seguir os passos de Antônio Conselheiro, embora tivesse sido o único a voltar vivo, para contar a história do soldado raso que ele degolou com sua faquinha de capar fumo, enquanto o soldado comia em paz um pedaço de carne de jabá com farinha seca, a beira de um riacho. Em vez de uma medalha, deram-lhe um apelido e uma enxada, coma qual ele cava o seu sustento, ainda hoje aos cento e tantos anos de vida. (TORRES, 2013, p. 15)

O episódio assim descrito pelo narrador segundo as experiências de Caetano Jabá, demonstram uma das faces da Guerra de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro. Mesmo tendo voltado vivo da guerra, o sentimento do personagem era de desapontamento por não ter sido condecorado com uma medalha. No entanto, trouxe de Canudos a enxada, objeto este, que lhe servira por toda a vida como instrumento de trabalho para seu sustento. Além do apelido de Jabá que herdou da sua participação através das experiências. Outro aspecto a ser observado, é que ao citar Conselheiro, o narrador nos mostra as possibilidades de percepções do acontecido, ou do que poderia ter acontecido através do entrelaçamento da literatura com a história. Numa segunda passagem também traz Conselheiro:

Rezemos pela alma do finado Antônio Conselheiro. Muito lhe devemos. Quando estive em Inhambupe, ele foi apedrejado, sem dó nem piedade. Rogou uma praga: - Essa Terra vai crescer que nem rabo de besta. O povo se indagou: Como é que rabo de besta cresce? Para baixo. Mas todos os rabos crescem para baixo. - Só que o de besta, o dono corta. Para dar mais valor ao animal. (TORRES, 2013, p. 16)

Nessa passagem podemos perceber uma alusão a Conselheiro e ao seu misticismo. No trecho acima, apresenta o olhar messiânico de Conselheiro que em sua trajetória pregava por meio de metáforas. As pregações³ de Conselheiro eram sobre acontecimentos futuros, a expressão “rabo de besta”, por exemplo, demonstra isso. Percebemos então, que a Guerra de Canudos enquanto um fato histórico é no contexto aqui analisado passível de diferentes interpretações possibilitadas pela

² A Guerra de Canudos foi um movimento antirepublicanista contrário à cobrança de impostos e a favor dos interesses das camadas populares. “Canudos foi assim um dos momentos culminantes da luta por libertação dos pobres do campo. Sua resistência indomável mostra o formidável potencial revolucionário existente no âmago das populações sertanejas”. (FACÓ, 1976, p.18)

³ Sobre as pregações e a trajetória de Conselheiro nos sertões, consultar FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1976.

literatura. O suposto comportamento adotado por Conselheiro na passagem em questão nos faz refletir sobre a profecia lançada a Inhambupe, uma vez que, segundo o narrador da obra em outro trecho diz que “O lugar cresce como rabo de besta” (p.17), exatamente como disse Conselheiro. Assim sendo, podemos dizer que as crenças messiânicas possuíam um alto grau de credibilidade pelo povo. Como pode ser observado tanto nos textos históricos quanto literários.

As conexões entre história e literatura também foram estudadas pela historiadora Adriana Boudoux (2008). Numa análise do romance *Cascalho* de Herberto Sales⁴, a autora mostra que não existem significados fixos para as duas formas de escrita, e demonstra que real e imaginário fazem-se presentes na obra de forma interligada. Trata o discurso literário e o histórico como representações sociais formadoras de realidade, portanto. Discute a partir do texto literário de Sales, que a realidade do garimpo das larvas diamantinas, espaço sócio cultural, pode expressar uma realidade além das fronteiras descritas na obra. E neste processo analisa como o real e o imaginário ora registrando, ora participando do processo, podem ser representados na obra. Neste contexto, Boudoux salienta as possibilidades de análise de um texto literário pelo viés histórico, atentando para as fronteiras postas entre essas narrativas por muito tempo, mas que tem sido atenuada através de pesquisas que contemplam as relações estabelecidas entre ambas. Discorre também que estas fronteiras foram estabelecidas num momento em que a história era concebida como ciência, enquanto a literatura era vista como tal. Assim, compreende o olhar literário de Sales por meio da historicidade passível de diversas interpretações.

Segundo Sandra Pesavento (2003) as relações estabelecidas entre a História e a Literatura são vistas como exercícios do imaginário no sentido de questionar a realidade. Os discursos são entendidos como respostas a indagações dos homens no tempo. O discurso não é literal, assim como a escrita e a leitura que se pode fazer dele podendo lhe atribuir vários sentidos. O historiador apenas cria a versão que interpreta o ocorrido, não o cria. Sua ação está na reconfiguração do tempo, numa versão para uma determinada pergunta.

No que diz respeito a *Essa Terra*, há aproximação entre os discursos historiográficos, literários e memorialísticos, apesar de possuírem formas

⁴ SALES, Herberto. *Cascalho*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

diferenciadas, podem ser entendidos como narrativas representativas. Desse modo, *Essa Terra*, pode ser analisada como representação da realidade da migração, do sertanejo, da sociedade rural, bem como das mudanças ocorridas no Junco, o que nos dá possibilidades de estudar até que ponto o lugar podia ser considerado como um espaço monótono.

Sobre o espaço do Junco, a autora Elizabeth Ponte de Freitas (2005), fez um estudo na área de Comunicação. Segundo ela, a literatura é um produto sociotécnico, tendo seu papel no conhecimento dos espaços, no qual o escritor tem o poder de resgatar os elementos deste meio para a construção do objeto ficcional de sua obra literária, através da relação entre espaço e literatura. Em contraponto, entendemos a literatura como construtora de realidade, uma vez que como já foi dito, representa nas narrativas sensações e sentimentos humanos. Por isso discordo do termo reflexo, usado constantemente pela autora ao se referir a escrita de Torres em *Essa Terra* como forma de simbolizar as raízes do autor. Freitas desenvolve um bom trabalho na sua análise quanto à escrita e o poder de argumentação, mas, deixou de trabalhar com memória já que o Junco é por sinal terra natal de Torres. Pretendemos, portanto dá mais ênfase neste estudo à discussão sobre memória, uma vez que, o autor cria imagens e representações sobre o seu lugar de origem, conferindo um sentido ao mundo representado.

Para Pinto (1998), a constituição da memória histórica é plural, mas torna -se necessário enfatizar as diferenças e os contatos existentes entre memória e história. Seus estudos demonstram que as representações se configuram como viés importante para a análise da memória. Neste contexto explica que a historiografia brasileira entre os anos 70 e 80 se preocupou com as falas que estavam condenadas ao silêncio. Ainda há outra dimensão que se mistura com a história no mundo do discurso historiográfico e na forma dos textos escritos. Para o autor é inevitável perceber as distintas estratégias da memória e da história, porém, elas possuem um problema central: “o peso do passado nas representações feitas em torno dele, seus usos, suas conexões com o contexto mesmo se não se reconhecerem diferenciações entre texto e contexto, suas projeções políticas, sociais, intelectuais.” (PINTO, p. 205). Assim, o passado é constituído pela memória em forma de reformulações, e essas reformulações nos permitem realizar distinções do vivido anteriormente e do presente. Pinto assinala e chama atenção para perceber que por mais que a memória e a história tenham como substrato o

passado, elas se diferem na medida em que o agir da memória é na elaboração do passado e na fundição de referências que estabilizam o presente. Além disso, possui um discurso e está no intermédio do tempo em que os acontecimentos se desenrolam e do tempo de produção da narrativa.

No percurso de escrita, Torres recorre à memória para criar o perfil e as trajetórias dos personagens representados no romance e insere o Junco nas representações do Sertão Baiano. Assim, consideramos a memória como um produto social das ações humanas.

1.2 LITERATURA E MEMÓRIA

Para a pesquisadora Gaúcha Sandra Pesavento⁵, tanto a história quanto a memória são formas narrativas, e são assim, representações que tomam o lugar do acontecido. Também são discursos distintos dos demais acerca de uma dada realidade, por trazer a rememoração e a presentificação pertencente a um tempo físico, este, que pode ser recuperado através da imaginação. Nesta discussão sobre história e memória fica evidenciado que ambos os discursos são produzidos, sob a ótica de versões plausíveis. Ou seja, não é possível recuperar a verdade do acontecido, porém, há uma possibilidade de construir versões aproximativas. Citando Droysen⁶, Pesavento trabalha o conceito de representação nos discursos historiográficos sobre o passado. Para Droysen, a ficção “era uma ilusão do espírito, matriz do erro e da falsidade” (Pesavento, s/a, s/p.). A ficção é um aspecto fundamental para entender as aproximações dos discursos literário e histórico, pois permite algumas considerações entre o verdadeiro e o falso. Os dicionários trazem enquanto significado, palavras que designam ao que não é verdadeiro como, por exemplo, fingimento e imaginação. A História e a Literatura podem por meio do imaginário recriar o mundo e representa-lo sob múltiplos sentidos. A História fabrica o passado condicionado ao acontecido, no entanto, as escolhas ficcionais do historiador fazem-se presentes no trabalho de seleção das fontes. Em outras palavras, a ficção está no ato de escolher e rejeitar as fontes, e na atribuição dos

⁵ Sandra Jatahy Pesavento, «Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 24 septembre 2015. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1499> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1499.

⁶ Cf. Droysen, Johann Gustav. *Historica. Lecciones sobre la Enciclopedia y metodologia de la historia*. Barcelona, Editorial Alfa, 1983.

sentidos implícitos dados a elas. Tanto a História quanto a Literatura se aproximando ou se distanciando na forma de escrita, possuem o efeito da verossimilhança. A literatura referencia o mundo com aproximações, já a História possui a pretensão de veracidade. A ficcionalidade é importante por aproximar as narrativas históricas e memorialísticas nas representações do passado, por ser um elemento discursivo. Para o historiador é possível trabalhar com esse entrelaçamento entre os discursos, porém isso tem que ser feito com cuidado, pois lhes são atribuídos sentidos e significados diversos.

Na primeira parte de *Essa Terra* nos debruçamos nos fragmentos que demonstram a utilização da memória enquanto narrativa de acontecimentos vivenciados pelo narrador- personagem Totonhim como este que segue:

Vinte anos para a frente, vinte anos para trás. E eu no meio como dois ponteiros eternamente parados, marcando sempre a metade de alguma coisa- um velho relógio de pêndulo que há muito perdeu o ritmo e o rumo das horas. Eis como me sinto e não apenas agora, agora que já sei como tudo terminou. (TORRES, 2013, p.18)

A passagem contextualiza a experiência do narrador-personagem ao comparar o passado e o presente. Demonstrando um processo de rememoração de vivências que parecem ter permanecido conservadas pelo tempo passado e são evocadas pela memória no presente. O velho relógio de pêndulo que perdera o rítmico é comparado ao personagem. É como se Totonhoim estivesse permanecido parado num tempo e num espaço sendo guardião desse tempo até o desenrolar dos acontecimentos com a volta de Nelo ao Junco.

Neste estudo, a memória se apresenta também nos momentos vivenciados e presenciados pelo narrador, como este onde relata o reencontro com sua mãe:

- Quem sou eu?

Faça essa pergunta a ele não a mim. Eu sei quem a senhora é. Não tenho dúvidas, posso reconhecê-la mesmo no escuro desta sala, onde nos encontramos e nos avistamos, onde podemos confrontar os contornos de nossos vultos, muito mal definidos pela parca luz que vem do corredor. Esta sala um dia já se chamou "sala de visita", lembra? Oh, se lembra. Agora a senhora é a única visita mas não conta. Não veio aqui por sua livre vontade, eu sei. Todos nós tememos uma hora como esta. E porque a teme até nos sonhos, a senhora passou a vida encardindo as contas de seu velho rosário preto. Em cada prece um pedido: vida eterna para os filhos. Salvação para si mesma na eternidade. Em cada conta um pedaço de seus desgostos. Vê agora? Tudo tem um fim. Nascemos crescemos e nos acabamos. O que restou? A saudade. (TORRES, 2013, p. 105)

Neste fragmento há uma tentativa por parte do narrador para que sua mãe faça uma lembrança através de lembranças tanto do espaço físico da “sala de visitas”, quanto das ações praticadas neste mesmo espaço. Para Totonhim como filho, era um momento no qual se fazia necessário que sua mãe buscasse na sua memória o que fez durante anos, para que ela percebesse que aquele momento vivido era tão real quanto às contas do rosário.

Entre as lembranças, a saudade aparece como a única que sobrevive ao ciclo de vida do ser humano. Segundo Albuquerque Jr (2011), a saudade do lugar é oriunda dos laços estabelecidos que são quase impossíveis de rompimento. O romper das histórias, práticas e costumes geraria o que ele denomina de apagamento da multiplicidade. De acordo com Albuquerque, a saudade além de ser um sentimento pessoal, também pode ser coletiva.

No romance de Torres, a saudade é um aspecto que se faz presente em toda a narrativa, seja individual ou coletiva. É um sentimento carregado de significados que se expressa nas trajetórias dos personagens. A saudade da terra é um exemplo de que por mais que houvesse o ato migratório, a ligação com as raízes construídas, com as histórias de vida e as experiências no lugar de origem, era algo permanente. A saída da terra natal fragmentava a identidade do sertanejo, este que não rompia definitivamente com as raízes, memórias e costumes que faziam parte do universo rural do Junco. Pelo contrário, estas relações desencadeavam lembranças do vivido, e neste sentido a saudade tornava-se uma constante na vida de grande parte dos personagens Torresianos. O trecho que segue, exemplifica a saudade vivenciada no interior do ser humano. O pai de Nelo ao deixar seu lugar para partir para outra cidade fica num estado de aflição.

O velho bateu a cancela, sem olhar para trás.

Mas não pode evitar o baque, o último baque: aquele estremecimento que fez suas pernas bambearem, como se não quisessem ir. Pensou: - Benditas são as mulheres. Elas sabem chorar.

Três pastos, uma casa, uma roça de mandioca, arado, carros de bois, cavalo, gado e cachorro. Uma mulher, doze filhos. O baque da cancela era um adeus a tudo isso. Já tinha sido um homem, agora não era mais nada. Não tinha mais nada. [...]. Suas pernas não queriam ir, mas ele tinha que ir. Tinha que chegar à rua e pegar um caminhão para Feira de Santana, de uma vez para sempre.

- Tudo por culpa dela- continuou pensando. -

Por causa dessa mania de cidade e de botar os meninos na escola. Como se escola enchesse barriga.

Se olhasse para trás, veria a grande árvore na porta, sombreando o avarandado - a árvore que ele, a mulher e o filho mais velho plantaram. (TORRES, 2013, p.67)

Assim, percebemos então, que havia uma relação de apego e de sentimento com a terra, com o lugar ao qual ele, o pai de Totonhim pertencia. A sua saída do Junco para Feira de Santana configurava-se como um momento de perda, de solidão no sentido de deixar para trás todo um universo que fazia parte dele. O momento da saída é também um momento de rememoração e de inconformidade do desloca-se, deixando naquele lugar, que era o seu lugar, suas características, seu cotidiano. Mas que internamente permaneceriam com ele, mesmo que as trajetórias externas sofressem mudanças.

Este homem interiorano não se conformava com a ida para a cidade de Feira de Santana, esta, não contemplava seus anseios, nem podia o fazer esquecer-se de sua terra natal. A terra do Junco ao qual fora criado e também criara seus filhos, representava para ele um mundo sem igual, preenchia seu viver, pois era nela que ele era alguém, e o afastamento concebia a perda de si mesmo. A ligação com a terra e sua relação intrínseca com o ser humano não admitia que aquele mundo ao qual tinha como referência se dilacerasse.

A saudade que habita no interior do personagem é um sentimento de perda que causava um vazio existencial. A saudade é um sentimento universal. Ela é uma luta contra o esquecimento das experiências de vida. Através desse sentimento o homem busca uma ligação com o passado. Para o historiador Albuquerque Jr (2006), a saudade é oriunda do encontro momentâneo com uma lembrança, esta, que se torna presente no momento de evocação, mas que logo volta a seu lugar no passado. À volta ao passado através da lembrança e da saudade, no qual possuía pastos, casa, roça de mandioca, mulher e filhos, por uns instantes o deixa feliz, mas logo esse sentimento tensiona-se com o presente, no qual tudo isso não existia mais. A saudade é a relação entre o ser e o tempo numa busca de retornar as imagens e aos sentimentos do passado. Estando assim intrínseca à memória.

Citando o sociólogo Maurice Halbwachs⁷, Pollak (1989) afirma que existem pontos de referência estruturantes da memória, e estes, indicam as hierarquias e classificações da memória de um determinado grupo, definindo assim os sentimentos de pertencimentos e as fronteiras socioculturais. A memória individual possui uma forte ligação com a memória coletiva, havendo um processo de negociação entre a memória individual e a do outro através do reforço pelos pontos

⁷ M. Halbwachs, *La mémoire collective*, Paris, PUF, 1968.

de contatos. Em outras palavras, as memórias de acontecimentos em grupo ao serem lembradas pelos membros individualmente ganham mais resistência se houver mais membros que também se lembrem do fato que aconteceu em comum. Outro ponto relevante discutido pelo autor é a diferença entre a memória subterrânea e a memória oficial, onde a primeira, permanece silenciosa até seu afloramento em situações conflituosas, podendo ser de uma sociedade civil dominada ou grupos específicos. Já a memória oficial é organizada a partir de uma imagem imposta pelo Estado, e este tipo de memória é posta em cheque quanto a sua credibilidade. Essa organização pode ser definida por enquadramento ou coletividade fazendo uma reinterpretação do passado baseada nas coerências dos discursos, ou seja, há um trabalho específico de enquadramento da memória, que produz discursos organizados feitos estrategicamente, para manter uma imagem forjada de determinada organização.

A este respeito, a pesquisadora Ecléa Bosi (1994), analisa a postura do filósofo Bergson⁸ e de Halbwachs acerca da memória. Para Bergson, a memória nasce do inconsciente e a ação e a representação está ligada ao corpo, considerado um fio condutor responsável por transmitir os movimentos recolhidos, assim, a mente seleciona o que deve ser lembrado, e a memória relaciona o corpo presente com o passado. Em uma análise interna da memória o passado atua no presente estando intacta no nosso consciente. Nota-se a importância dada para o entendimento das relações entre a conservação do passado e sua articulação com o presente. Nesta relação, a consciência é responsável por fazer escolhas do que é importante de ser lembrado. A memória é classificada como uma força espiritual que tem o poder de armazenar as lembranças. Em contraponto, Halbwachs acredita na existência de quadros sociais da memória. Nesta linha de pensamento a memória é estudada a partir da realidade interpessoal das instituições sociais. Desta forma, nossa lembrança está condicionada ao presente e as provocações do outro, ativando assim a lembrança de algo ocorrido. Para Halbwachs o ato de lembrar não significa reviver, mas refazer, reconstruir, repensar.

Deste modo a memória não pode ser pensada enquanto um sonho, mas, como trabalho. (BOSI, 1994, p.55) as lembranças que temos do passado são

⁸ BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

reconstruídas pelo presente, uma vez que há mudanças no decorrer das vivências. Sendo trabalho, a memória individual possui uma relação direta com a memória coletiva, esta que se entende pelas lembranças de momentos vividos em grupo e se apresenta como tradição enquanto vivência de um grupo social, e sua existência depende das práticas manifestadas no cotidiano. A socialização da memória é feita através da linguagem, “ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual” (BOSI, 1994, p. 56). Assim entendemos que as lembranças são formadas pela resistência imagética, a memória sofre mudanças porque percorre todo um caminho sendo o passado formado pelo presente, pois ele por si só não seria capaz de reconstruir as lembranças.

A memória é imobilizada no passado e expressa sua concretude em formas distintas de representação dando ao pesquisador o poder de decidir a maneira de contactar o passado e o presente estabelecendo um controle o passado. A lembrança do vivido é fixada por formas diferentes de representação, onde a memória tem a capacidade de assegurar permanências sobreviventes deste passado através das fragmentações do tempo. O passado se materializa nas tensões individuais e coletivas. Para, além disso, a flexibilidade da memória permite a combinação entre o coletivo e o individual.

Segundo Patrícia Porto (2011), a narrativa memorialística literária é criada a partir do ato da rememoração. A memória está interligada com a existência humana, as reflexões sobre o porquê das coisas nos levam a rememorar as linhas e as entrelinhas vividas num tempo. Não existe linearidade na existência humana nem tampouco na memória, estas, são construídas e reconstruídas, ora pelas lembranças, ora pelos esquecimentos e pelas falhas e lacunas da história. Para Porto, “a memória e a poética da linguagem dos textos literários e feita de imagens, de palavras- símbolos, é por isso feita de ressignificações” (p.198). O leitor tem papel fundamental nesta questão, ressignifica o texto colocando seu olhar sobre ele, assim as memórias que são escritas ganham sempre novas nuances. A narrativa memorialística reinventa o passado através do imaginário criado pela própria memória. Os textos literários possuem palavras com inúmeros significados e com diversificadas representações. E como afirma Porto (p.209) “a literatura é a capacidade de traçar paralelos entre o texto e a vida” nos possibilitando encontros

com as dialéticas da existência humana, com os medos e esperanças, vida e morte, amor e solidão, exemplos de sentimentos da natureza humana.

O encontro entre a memória e a literatura acontece na escrita e também na leitura de um texto, a relação estabelecida entre elas está em constante circulação. A memória e a literatura podem ser pensadas como possibilidades, principalmente nas relações entre narrar e lembrar, (Braga 2000). Os fragmentos da memória são constituídos nas práticas sociais que tem os sujeitos como agentes e protagonistas de histórias. Esses fragmentos são as lembranças, estas são construídas pela movimentação interpessoal e social dos segmentos que o sujeito é pertencente, como a família, a escola e a religião entre outros. Por isso, são os contatos e as aproximações entre os grupos sociais que nossas lembranças emergem. Os significados produzidos socialmente sobre os mais variados contextos que o sujeito atua, são construções históricas. A memória é então formada a partir das dinâmicas de interação do indivíduo ou do grupo que ele pertence com os contextos sociais.

Na construção memorialística do romance, Torres refaz sua memória pessoal embutindo elementos, tensões, relações e instituições sociais que constrói memórias e histórias do Junco amparadas por estruturas que lhe são também exteriores, como o caso da modernização que será analisada no próximo capítulo deste trabalho. A memória é trabalhada como uma rememoração do vivido buscando visitar as imagens do passado na reconstrução da experiência humana. É através da memória que Torres referencia trajetórias de vida através da literatura, e nos permite compreender as vivências dos personagens enquanto seres históricos. Tanto a memória individual quanto a coletiva pode ser encontrada na narrativa.

Percebemos o uso da memória não como algo intacto do passado, mas que no cruzamento de tempo e de espaços passam por modificações, e estas, permitem a criação de novas imagens e sentidos na construção do presente. Ao dialogar com a memória, Torres manifesta a sensibilidade humana de seus personagens, que rememoram acontecimento vividos no passado que possuem fortes relações com as vivências do presente. Assim, a conexão estabelecida em *Essa Terra*, entre a literatura e a memória torna-se possível pelo jogo de esquecimento e lembrança compartilhada nas ações humanas tanto do narrador quanto dos personagens, estas, que são elaboradas e fragmentadas na narrativa. Pois, mesmo entendendo o passado como algo irrecuperável, recorrer à memória é importante para a

construção de um olhar sobre este passado e para a rememoração e ressignificação das experiências construídas.

Nas primeiras décadas do século XX. O crítico literário Walter Benjamin (1994) lançou um olhar para a importância do ato de narrar. Ele considerou que a oralidade utilizada como fonte para escritos literários, estava diretamente relacionada à sabedoria humana. A crítica do autor foi direcionada à literatura burguesa que não considerava a importância das experiências de vida da população russa. O que Benjamin considerava a extinção da sabedoria que envolvia uma narrativa. Narrar às experiências do cotidiano aproximava o narrador das pessoas e de suas histórias. Uma boa narrativa seria aquela em que as experiências se comunicassem. Daí o declínio e a crise das narrativas. Segundo Benjamin o bom narrador era o que apresentasse a cultura popular do povo russo. As histórias retiradas do cotidiano seriam narrativas opostas à literatura dominante. Segundo Benjamin, o ato de narrar é diferente do de informar, pois na narrativa existem maiores possibilidades de interpretações, enquanto na informação as explicações para os fatos já aparecem prontas. A narrativa feita através de experiências de vida tem o poder de fazer com que os espectadores assimilem suas próprias experiências, além disso, traz também a marca do narrador. Em *Essa Terra*, Torres demonstra as sensibilidades adquiridas pela experiência, pelo costume de ouvir, e isso é notado pela forma como o autor constrói seus personagens com sentimentos, valores e ações humanamente vivenciadas e compartilhadas no coletivo. *Embora o romance* não seja uma autobiografia, tem muito das experiências vividas pelo romancista e por seus conterrâneos do Junco. O romance de Torres é um conjunto que reúne a sensibilidade do saber ouvir e narrar.

Dessa forma, tanto a narrativa histórica, literária e memorialística são dotadas de representatividades, passíveis de versões aproximativas no dizer do real. É necessário considerar que a história e a memória possuem capacidade de representar o passado através da reconstrução feita no presente, havendo neste sentido um apoderamento da memória pela história no intuito de reconstruir o passado através de uma imaginação de sentido, pois, o passado é inventado e a realidade do pensamento é criada numa evocação do que não pode ser mais verificável (Pesavento, s/a,s/p). Assim são criados discursos através das narratividades das fontes, no caso da memória e da história, estas, são

selecionadas, recortadas e construídas por quem escreve as narrativas, mas são nas leituras que se constroem e reconstroem significados.

CAPÍTULO 2 - IDENTIDADE SERTANEJA

2.1 O SERTÃO: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

Como pode ser visto até aqui, as relações entre história, literatura e memória permeiam todo romance explicitando-se também nas percepções do autor sobre o Sertão-Junco, tal como pode ser visto nas tensões e entrecruzamentos entre o tradicional e o moderno representados pelo autor.

Segundo a pesquisadora Janaina Amado (1995), o sertão pode ser analisado a partir de categorias, sendo elas: espacial, do pensamento social, cultural e uma categoria construída durante a colonização. Segundo Amado (1995) a ideia de Sertão chegou ao Brasil durante a colonização. O vocábulo era usado pelos portugueses no século XVI para referenciar as áreas situadas distante de Lisboa, capital do país. O conceito fazia referência a áreas distantes do litoral, este que era povoado para atividades de exportação, e por isso tinha maior visibilidade. Assim o Sertão foi sendo construído em oposição ao litoral, como espaço desconhecido, atribuído a áreas distintas.

Para a autora, enquanto categoria espacial, o Sertão é carregado de significados sendo também um referencial essencial para a noção de “Nordeste”, este que se tornou “referência institucionalizada sobre o espaço no Brasil.” (p.145) Também está inserido em uma categoria do pensamento social graças à historiografia que trabalhou o conceito de diversas formas.

Em obras de literatura brasileira, o Sertão pode ser pensado como uma categoria cultural. Sendo narrado e construído por vários escritores e formando o imaginário brasileiro através das personagens sertanejos, narrativas e símbolos, como em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa, por exemplo. Nesta categoria, Amado salienta ainda, que é na literatura considerada regionalista que este conceito é fortemente trabalhado.

A historiadora Cláudia Pereira Vasconcelos (2012), também discute às muitas formas de dizer o Sertão. Seus estudos apontam que o caminho para a definição de tal conceito é ambíguo. Por isso nos adverte que é “impossível chegar-se a um consenso ou a uma definição única e linear, visto que a variabilidade do termo é infinita e que seu significado depende de quem, de onde e de quando se pronuncia”.

(p.71). Assim, podemos entender que os discursos sobre o Sertão variam de acordo com o tempo histórico.

Para Vasconcelos:

A partir do século XIX, O Sertão será associado a uma imagem muito comum nos dias atuais, na qual este faz referência às regiões semi-áridas, principalmente situadas no antigo Norte. Apesar disso é importante guardar clareza de que, até então, o seu significado não se restringe a nenhum espaço geográfico específico, aparecendo como uma categoria que identifica todo interior do Brasil. (p.72)

As imagens criadas sobre o Sertão neste período histórico, também foram responsáveis por construir um texto identitário para o Brasil. O dizível e o visível sobre o Sertão e o sertanejo foram elaborados de formas ambíguas, uma vez que, ora eram referenciados de forma positiva, ora de forma negativa.

Segundo a historiadora, a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, publicada em 1902 e reconhecida em todo o Brasil, fundamentou as imagens sobre o Sertão e o sertanejo. Porém nos chama a atenção sobre a ambiguidade e a contradições em que ora o Sertão era exaltado por sua paisagem natural, ora estereotipado e inferiorizado culturalmente. Apesar de sua inegável contribuição para os discursos de brasilidade, *Os Sertões* também contribuiu para a fundamentação da imagem que ainda se tem no imaginário brasileiro, de um lugar diferente, vergonhoso com características de atraso e incivilidade.

O discurso sobre o Sertão também aparece no romance de Guimarães Rosa, *Grande sertão, veredas*, publicado em 1956. Neste, um novo sertão e novas perspectivas foram criadas. O sertanejo ganha papel de destaque, estando no centro da fala e sendo dono de sua própria razão. O sertão deixa de ser, para esse autor, apenas um conceito que identifica determinadas regiões, mas ganha uma elaboração de subjetividade.

Vasconcelos (2012) resume bem a diferença de dizer o sertão nos romances citados de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa:

Um outro contraponto interessante a respeito da imagem do sertão presente em *Grande sertão: veredas* é a característica da mobilidade do sertanejo, pois seu pensamento está sempre em trânsito. Enquanto que, para Euclides da Cunha (1973, p.271), o sertanejo tem “a tendência constante a imobilidade e a quietude”, em Guimarães Rosa(2006,p.23), a vida e o real aparecem como possibilidades de transformação.

Percebemos a singularidade de Guimarães Rosa ao trazer uma nova forma de pensar e dizer o sertão. Para ele, o sertão vai além de uma espacialidade geográfica, “o Sertão “[...] é sem lugar, é do tamanho do mundo” e pode ao mesmo

tempo ser e estar “em toda parte” e em nenhum lugar específico” (2012, p. 80). O romance de Guimarães Rosa nos permite constatar a fluidez da identidade do sertanejo. Rosa rompe com as construções feitas acerca do homem sertanejo na literatura brasileira e dá um novo sentido para pensarmos o sertão. Esse visto não apenas pelo olhar hegemônico, mas com características outras.

No romance de Torres o sertão aparece, com olhares também diferenciados. Embora seja caracterizado em partes, a partir das construções historicamente construídas como um lugar homogêneo fortemente representado pela seca, pelo cangaço, pelas figuras messiânicas como vimos no capítulo anterior deste trabalho, Torres, também traz uma outra forma de representar o sertão-Junco. Mostra que o lugar começa a ser modificado pela chegada da modernidade e das ideias de civilização, discussão que será mais aprofundada no próximo tópico deste capítulo.

Ao caracterizar o Junco no primeiro capítulo da obra, *Essa Terra Me Chama*, Torres mostra símbolos e narrativas homogêneas sobre o Sertão e o Nordeste, que foram, como sugere Albuquerque Júnior (1999) forjadas, inventadas e tomadas como verdades. O trecho seguinte evidencia a caracterização do lugar por um discurso das secas, do sofrimento, e de um lugar longínquo.

E foi assim que um lugar esquecido nos confins do tempo despertou de sua velha preguiça pra fazer o sinal da cruz. O Junco: um pássaro vermelho chamado sofrê, que aprendeu a cantar o Hino Nacional. Uma galinha pintada chamada Sofraco, que aprendeu a esconder seus ninhos. Um boi de canga o sofrido. De canga: entra inverno, sai inverno. A barra do dia mais bonita do mundo e o pôr do sol mais longo do mundo. (...)

- Lampião passou por aqui.
- Não, não passou mandou recado, dizendo que vinha mas não veio.
- Por que Lampião não passou por aqui?
- Ora, ele lá ia ter tempo de passar nesse fim de mundo? (TORRES, 2013, p.13)

Torres não rompeu com a ideia formada e elaborada sobre o Sertão. Ele buscou demonstrar em seu romance as imagens associadas a esta construção espacial e climática do Brasil. O Nordeste em parte do texto Torresiano ainda pode ser visto como um espaço cultural formado a partir de símbolos criados e cristalizados no imaginário.

Vagoroso e solitário, o Junco sobrevive às suas próprias mágoas, com a certeza de quem já conheceu dias piores, e ainda assim continua de pé, para contar como foi. Em 1932 o lugar esteve para ser trocado do Estado da Bahia para o mapa do inferno, na pior seca que já se teve notícia por essas bandas, hoje reverenciada em cada caveira de boi pendurada numa estaca,

para dar sorte. - O povo caía e morria de sede e de fome, como o gado. Era de cortar o coração. (TORRES, 2013, p.15)

Mais uma vez Torres situa o leitor de qual espacialidade o romance trata. Ao abordar a seca de 1932⁹, incorpora um discurso ainda tradicional que nos permite a associação de imagens historicamente construídas e legitimadas no imaginário das pessoas. É nos apresentado na obra o espaço Sertão associado à fome, a sede, a morte dos animais e ao desespero de uma gente que diante dessas condições ainda sobrevive por sua força e esperança de dias melhores.

Esses elementos associados ao sertão, assim como os significados e os discursos produzidos nos anos 20¹⁰, podem ser encontrados no romance. A análise de *Essa Terra* nos permite compreender como o Sertão foi construído carregado de simbologias. E isso nos faz refletir sobre a oposição do litoral em relação ao interior, este pensado como um espaço desconhecido, incivilizado, sem expectativas positivas e parado no tempo, onde quase nada acontecia, como podemos ver a seguir no fragmento da obra em estudo:

- Hoje tem que parar tudo nesta terra, Nelo velho, falou o boca de festa, e outras vozes se juntaram à dele, num coro que anunciava a coisa nova: finalmente uma noite com assunto. (TORRES, 2013, p.26)

Desde modo, é possível compreender que o fragmento acima, retirado do primeiro capítulo do romance, *Essa Terra Me Chama*, representa bem, essa ideia de que nada, ou quase nada, acontecia no lugar. O momento da chegada de Nelo ao Junco transforma, de certa maneira, a rotina do espaço escasso de novidades até então.

Entretanto vale salientar que todo esse processo de construção do sertão como um lugar quase parado no tempo, ao se perpetuar no imaginário brasileiro, principalmente nas áreas mais desenvolvidas economicamente, promoveu a criação de estereótipos e preconceitos com os habitantes do lugar, estes, considerados

⁹ A este respeito ver MARTINS, Daiane Dantas. Um flagelo no sertão baiano: Cotidiano, migração, e sobrevivência na seca de 1932. 2010.132f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local)- Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus BA, 2010.

¹⁰ Segundo Albuquerque JR (1999), na década de 20 no Brasil começou a ser construídas verdades sobre a região nordeste e o sertão, entre o visível e o dizível. “A relação entre o sertão e a civilização é sempre encarada como excludente.” (p.67). Quanto aos discursos sobre o sertão nordestino, eles foram gestados com práticas homogeneizadoras associadas à seca, ao cangaço, ao misticismo entre outros elementos.

diferentes, atrasados, incivilizados. Por isso é necessário entender estas classificações a partir da consciência desse processo de construção histórica.

Em Torres, percebemos esta construção que coloca em oposição o litoral e o Sertão. No diálogo entre os personagens Zé da Botica e o delegado recém-chegado ao Junco aparece esta ideia do interior como um espaço desconhecido.

- Ora, sargento, o senhor é o delegado daqui há pouco tempo. O senhor vem de Salvador, vem da capital, e não conhece os muitos mistérios desta terra. (TORRES, 2013, p.41)

Zé da Botica deixa bem claro ao delegado que o Junco é um lugar que guarda seus mistérios, e, portanto, desconhecido para os que não pertencem ao lugar, os que são da capital, como ele, por exemplo. Isso nos faz refletir sobre os discursos que elaboraram e disseminaram o conceito de Sertão.

Em *Essa Terra* identificamos o discurso estereotipado negativamente de quem está no Sul, sobre o baiano. O discurso hegemônico e preconceituoso também exemplifica as imagens preconcebidas e generalizadoras elaboradas historicamente.

Mamãe, quando ela disse a seus pais que ia se casar comigo, eles se revoltaram:
 Todo baiano é negro.
 Todo baiano é pobre.
 Todo baiano é veado
 Todo baiano acaba largando a mulher e os filhos para voltar para a Bahia. (TORRES, 2013, p.62)

As falas emitem uma opinião que generaliza o baiano. As imagens criadas no Sul sobre os baianos desconsideram as diferenças e as particularidades de cada um. É centrada em ideias carregadas de preconceito. Dessa maneira, a narrativa elaborada por Torres suscita questões humanas. Ela não é neutra, pelo contrário, estão presentes as percepções do autor sobre os dilemas enfrentados pelo homem, não apenas daqueles classificados enquanto sertanejos. Assim, o romance ultrapassa o caráter regionalista, os temas tratados por Torres não são exclusivos do Nordeste do Brasil e do pequeno Junco no interior da Bahia, más, ultrapassam fronteiras, são globais.

Assim como o sertão, o conceito de região nordeste também foi elaborado historicamente, Durval Muniz de Albuquerque Junior (1999), nos mostra que, oriundo de construções simbólicas, a ideia de Nordeste no Brasil surgiu a partir da década de 1920, através de discursos imagéticos discursivos que objetivavam legitimar a suposta superioridade do sul sobre as demais localidades, no que diz respeito aos aspectos econômicos, políticos, sociais e intelectuais. Para ele:

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente em relação a uma dada área do país. Essa formulação dificulta até hoje, a produção de uma configuração de verdades sobre este espaço. (TORRES, 2013, p.62)

Entendemos então, que o Nordeste foi construído historicamente num processo de práticas construtivas e simbólicas através da música, da literatura, do cinema e dos meios de comunicação. “O nordeste é uma espacialidade fundada historicamente originada por uma tradição de pensamento, uma imagética e textos que lhe deram realidade e presença.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p.79). A valorização da tradição e da cultura é um aspecto fundamental para entendermos essa elaboração de região.

O Sul do Brasil se apresenta no romance estudado, como uma porta de entrada para a civilização e o progresso, como pode ser visto Em *Essa Terra Me Enxota*, segunda parte da obra.

Muitos pastos e poucos rastros.

O tempo provou que Antônio Conselheiro, o anjo da destruição e da morte, sabia o que estava dizendo. Seria o fim? Era isso o que estava vendo, ali, diante dos seus olhos? Casas fechadas, terras abandonadas. Agora o verdadeiro dono de tudo era o mata-pasto, que crescia desembestado entre as ruas dos cactos de palmas verdes e pendões secos, por falta de braços para a estroenga. Onde esses braços se encontravam? Dentro do ônibus, em cima dos caminhões. Descendo. Para o sul de Alagoinhas, para o sul de Feira de Santana, para o sul da cidade da Bahia, para o sul de Itabuna e Ilhéus, para o sul de São Paulo- Paraná, para o sul de Marília, para o sul de Londrina, para o sul do Brasil. A sorte estava no Sul, para onde todos iam, para onde ele estava indo. (TORRES, 2013, p. 89-90)

A análise do fragmento demonstra que o Sul do país se tornou diferente e superior às demais regiões pelas possibilidades do progresso, motivo este que impulsionava o processo migratório intra-regional. O Sul construiu uma dimensão histórica de superioridade. Em contrapartida, o Sertão-Junco, lugar onde se passa a maior parte da narrativa em estudo, é considerado um lugar tradicional, que embora, vivenciasse aos poucos a chegada da modernidade, não possuía as possibilidades de progresso econômico e intelectual. Isto fazia com que parte dos personagens do romance buscasse a migração, entusiasmados com ideias de civilização.

2.2 TRADICIONAL E MODERNO: TENSÕES, ENTRECruzAMENTOS E FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE SERTANEJA

Na construção das identidades representadas em *Essa Terra*, percebemos diálogos produzidos que vinculam as relações históricas, literárias e memorialísticas. Também nos aprofundaremos na análise da identidade do homem sertanejo, nas

transformações e rupturas através das suas ações e das relações com o outro e com os lugares de fronteiras pelos quais se movimentam.

Em *Essa Terra*, o tradicional e o moderno se cruzam gerando tensões sociais e espaciais. Sobre as transformações ocorridas no espaço, Torres trabalha com alguns exemplos como a especulação imobiliária, a chegada da luz elétrica, as transformações físicas ocorridas no Junco, além das mudanças nos costumes daquele povo que causaram também tensões de ordem existencial. O Junco estava passando por um lento processo de mudanças, o moderno começa a ganhar espaço e visibilidade no cotidiano dos moradores. No nono capítulo da primeira parte da obra, *Essa Terra me Chama*, estão presentes as alterações ocorridas nos costumes do Junco, como os bailes modernos ocupando o espaço do forró:

Bailes nas noites de sábado, não mais o forró rasgado de sempre, mas música moderna na vitrola de pilha. Esquecemos as corridas de cavalos nas estradas, nossa velha distração das tardes de domingo. Agora tínhamos o time dos Casados jogando sempre contra o time dos Solteiros, no campo que o próprio sargento fez, ele mesmo pegando na estroenga e na enxada. E já se programava a Seleção do Junco contra a Seleção de Inhambupe, Iará, Serrinha e até mesmo contra o Atlético de Alagoinhas - os mais afoitos planejavam um convite ao Esporte Clube Bahia, cuja redação o sargento também faria. Eram novidades demais para os nossos dias mortos, e ninguém tinha dúvidas de que precisávamos de um candidato de um candidato moderno nas próximas eleições. (TORRES, 2013, p.54)

Os bailes aos quais a narrativa se refere, as músicas na vitrola de pilha no lugar do costumeiro forró e a formação de um time de futebol como distração dos dias de domingo, deixando para traz as corridas de cavalos, representam um cruzamento das práticas modernizantes e da monotonia costumeira da comunidade. O novo, o moderno em contraste com o tradicional estava tomando o lugar dos costumes daquele povo.

Essas novas práticas caracterizam a tão sonhada civilização para alguns personagens do romance. As moças já não mais se interessavam pelos moços considerados por elas como “tabaréus” do sertão- Junco. Seus olhares estavam voltados para os rapazes que haviam migrado e se civilizado em outras regiões.

Moças na janela, olhando para a estrada, parecem concordar: isto aqui é o fim do mundo. Estão sonhando com os rapazes que foram para São Paulo e nunca mais vieram buscá-las. Estão esperando os bancários de Alagoinhas e os homens da Petrobras. Estão esperando. Tabaréu não: rapazes da cidade.- Vão morrer no barricão loucas e com o tabaco ensebado, para pagar a língua, revidam os solteirões desenganados. Desengano é nome feio, treta do diabo. Como o pecado e os outros nomes feios: tabaco, xibiu e a puta que as pariu. Vaca, bezerra, égua e jumenta também têm tabaco. Eles não morrerão ensebados. (TORRES, 2013, p.15)

A partir do fragmento acima, podemos observar que as tensões entre o tradicional e o moderno existiam até nos relacionamentos amorosos. As moças do Junco rejeitavam as possibilidades do casamento com os rapazes da região e nutriam a esperança do retorno dos que migraram. Isso evidencia a busca pela civilização e pela modernidade, que no pensamento das jovens do interior-Junco não podia ser encontrada em casamentos com os “tabaréus”.

Outra questão presente no romance que causou tensões no cotidiano no Junco foi à especulação imobiliária. A passagem do texto retirada da segunda parte da obra intitulada: *Essa Terra Me Enxota*, demonstra que as tensões oriundas da modernidade atingiram diretamente a forma de viver no Junco. O sofrimento do pai de Totonhim, com a cobrança das letras do banco que estavam vencidas exemplifica bem este ponto da narrativa.

Os homens chegaram, agora andavam de Volkswagner e não de Jipe, como antigamente. E chegaram com a triste notícia: estava na hora de pagar a dívida. – Aguentem um pouco meus senhores. Ando muito apertado. Não tiveram consideração, não levaram em conta que ele era um homem de bem. Um homem que jamais deixaria de pagar aquilo que devia. Tivessem um pouco de paciência. - Banco não espera. Venceu está vencido. (TORRES, 2013, p.86-87)

A passagem apresenta a má condição financeira em que se encontrava o velho sertanejo. Era o momento de cobrança da dívida, do empréstimo que havia feito com o banco para um investimento maior em suas terras. A passagem que segue retirada da segunda parte do romance, *Essa Terra me Enxota*, traz a lucidez do sogro sobre os prováveis problemas que isso acarretaria, como por exemplo, que a cobrança das dívidas levaria a perda das terras.

A história do banco foi outra encrenca maldita. Bem que o sogro pouco antes de morrer e ao atender seu pedido para avalizar as promissórias, havia-lhe advertido: - Compadre banco é treta. Branco escraviza o homem, como o jogo e a bebida. Compadre pense bem. Você está tomando dinheiro, pagando juros, para contratar trabalhadores. E se você não tiver uma boa safra? Eles lhe tomam tudo compadre. (TORRES, 2013, p. 78)
O sogro que era homem de tenência, nunca deu ponto sem nó. - Compadre, esse negócio de sisal é novidade. Tome cuidado, compadre. Isso pode ser a perdição de muita gente - ainda ouvia a voz sábia, o conselho que não quis seguir. (TORRES, 2013, p.85)

Ressalta-se que a advertência feita pelo sogro sobre a tomada das terras se cumpriria anos depois. De acordo com o narrador houve a perda das terras, estas, que obrigatoriamente foram vendidas a baixo preço para a quitação da dívida. Essa situação entre outros aspectos foi o que impulsionou a migração do velho sertanejo e parte da família para o Município vizinho de Feira de Santana.

Na década de 70, época em que *Essa Terra* foi escrita, as migrações internas no Brasil estavam no auge. Os movimentos migratórios de região para região foram intensificados principalmente pelo deslocamento das pessoas do campo para as cidades. Segundo os autores Ana Lia Farias Vale, Luís Cruz Lima e Maria Geovaní Bonfim (s/a) o processo migratório interno no Brasil se deu pela busca de emprego nas áreas mais desenvolvidas do país como São Paulo por exemplo. Essas regiões metropolitanas atraíam parte da população nordestina pelas possibilidades de trabalho geradas pela industrialização. Os ciclos migratórios se caracterizavam, sobretudo pelo êxodo rural.

A migração experimentada pelos personagens de Torres se configura como um dos elementos que colocou o sujeito no entre-lugar, num lugar de fronteira a partir das experiências. O início da segunda parte do romance, *Essa Terra Me Enxota* aponta esta posição fronteirística que o personagem vive antes da sua partida para Feira de Santana.

O velho bateu a cancela sem olhar para trás. Mas não pode evitar o baque, o último baque, aquele estremecimento que fez suas pernas bambearem, como se não quisessem ir. Pensou: Benditas são as mulheres. Elas sabem chorar. [...] Sua pernas não queriam ir, mas ele tinha que ir. Tinha que chegar a rua e pegar um caminhão para Feira de Santana, de uma vez para sempre. (TORRES, 2013, p.68)

A narrativa corresponde à despedida do velho da sua terra, do lugar que ele se sentia pertencente. A construção do perfil do personagem por Torres mostra a instabilidade emocional causada pela obrigação de ter que sair de sua terra. O inconformismo em não querer sair dela, demonstra a preocupação do autor em expressar as angústias vividas pelo homem entre o migrar e o permanecer. Explicita-se dessa forma os dilemas identitários e as tensões, sobretudo, existenciais do ser humano.

Sobre a discussão de identidade, Stuart Hall (2000) trabalha na perspectiva de que novas identidades estão surgindo no lugar de velhas identidades, atuando na fragmentação do sujeito que até então era considerado possuidor de uma única identidade, e por isso também se enquadrava no mundo social como estável. Neste sentido, assevera que o conceito identidade é possuidor de complexidades diversas por isso não é possível fazer afirmações que sejam conclusivas.

A movimentação identitária está presente no romance em análise. A mudança da linguagem, do falar do personagem Nelo, depois de seu retorno ao Junco, por

exemplo, demonstra esta questão. Ao entrar em contato com uma cultura diferente da sua, o personagem agrega uma forma de falar, um sotaque diferenciado dos seus conterrâneos que permaneceram no Junco, como na passagem seguinte do quinto capítulo da primeira parte da obra, *Essa terra me chama*.

Totonhim... você não é o totonhim?

Maneiras paulistas: o fulano, a fulana. Tive vontade de lhe dizer que o povo daqui não gosta de quem fala assim. Na frente, louva-se o sotaque novo do cidadão. Por traz - (TORRES, 2013, p.34.)

O sotaque pode atuar na aproximação ou no estranhamento das pessoas. “Ele funciona como um dos primeiros índices de identificação e também de estereotipia.” (ALBUQUERQUE Jr, 2011, p.176). Neste caso, a incorporação das maneiras paulistas de falar, por Nelo, além de causar estranhamento pelo povo do Junco, também aponta para as possibilidades de transformação da identidade do sujeito. Evidenciando que existe mobilidade e pluralidade identitária. Sendo assim, o personagem pode pertencer à concepção de identidade do sujeito sociológico, este que é definido por Hall (2000, p.4), como possuidor de um núcleo ou essência interior que é o seu próprio eu, mas que sofre modificações através dos diálogos contínuos com outras culturas e outras identidades.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (2000, p.13.)

Entendemos que o contato com novos lugares, linguagens e hábitos, o sujeito pode passar por modificações de identidades, pois não existe unificação plena, nem tampouco segura e carente para que permaneçam fixas. De acordo com Hall (2000), o conceito de identidade pode ser estudado e entendido a partir da definição do que ele não é. Assim considera que:

[...] as identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (2000, p.108)

Nota-se então, que o estudioso acima referenciado propõe um repensar do conceito de identidade, levantando pontos fundamentais para uma discussão que não a conceba como homogênea e uniforme. Segundo ele, a identidade não possui uma essência fixa, são mutáveis, transitórias, contraditórias e resultantes das

relações sociais entre os sujeitos. Portanto, a identidade não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-político, histórico e cultural em cada sociedade.

Silva (2007) por sua vez, ao revisar o conceito de identidade a considera como o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, podendo também ser entendida como uma relação social.

Primeiramente, a identidade não é uma essência, não é um dado ou um fato-seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.” (2007, p. 96-97).

Desta forma, a afirmação da identidade, demarca fronteiras, impõe distinções, separa sujeitos, e isso acarreta em classificações feitas pela sociedade que se revela em manifestação de poder ao eleger uma única identidade como normal, enquanto as demais são vistas e avaliadas de forma negativa e inferiorizada e estereotipada. Sendo assim, “a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído, e está associada a sistemas de representação”, (Silva, 2000.p.89), por isso, ao serem problematizadas, questionadas e analisadas, devem-se levar em consideração os sistemas de representação como suporte e sustentação das mesmas.

Em dissertação de mestrado, Ivana Teixeira Figueredo Lima (2006) trabalha o conceito de identidade numa relação com o tema da migração em *Essa Terra*. A autora mostra, através de uma interessante abordagem que as imagens criadas por Torres reconstroem as identidades e as histórias dos personagens e traduzem as lembranças e os resquícios do passado. E que o sujeito ao passar pelos processos de desterritorialização e reterritorialização ultrapassa fronteiras culturais e redefine sua identidade.

Em uma análise das culturas populares urbanas Canclini (1997) estudou os processos de desterritorialização e reterritorialização, e suas implicações no que cerne ao sentimento de identidade, este, que pela experiência pode adquirir repertórios múltiplos, não havendo a perda total dos desses elementos, mas ganhos culturais que se expressam na transitoriedade dos cruzamentos. Para o autor é

preciso entender as manifestações e os cruzamentos da cultura e da tradição em seus processos simbólicos. As culturas híbridas só podem ser compreendidas se analisarmos a mesclagem desses processos. Canclini chegou à conclusão que a fragmentação identitária acontece na interação da dinâmica urbana e da memória, num processo de tensões e de cruzamentos culturais, estes são entendidos pelo autor como formas de relativizar os variados tipos de fundamentalismos, uma vez que as culturas são de fronteira e assim ganham comunicação e conhecimentos nos movimentos e experimentações.

O homem em *Essa Terra* não assume uma identidade única, mas reelabora e reinventa seu modo de ser e de estar no mundo:

Sertanejo velho, não era um forte. Também não era um fraco. Ainda era um homem capaz de pegar um tronco de sucupira e transformá-lo em poucas horas, num eixo que podia durar a vida inteira. [...] Sim era um forte. Vinha da raça dos vaqueiros e não temia serra-goela do mesmo modo que João da Cruz, o primeiro vaqueiro, não temeu a mata e as onças, quando o Junco ainda nem existia. [...] Era um forte porque era um Cruz. Mas não podia olhar para frente. Veria imponente e solitária, a casa do sogro. Pior: Ouviria a sua voz: - Enquanto eu for vivo não vendo um palmo de terra. Cumpriu a palavra. (TORRES, 2013, p.74)

As questões apresentadas, demonstram que a identidade do sertanejo sofre e se modifica a partir dos movimentos feitos pelos personagens. Percebemos que o personagem do velho sertanejo é concebido no romance entre a força e fraqueza. A primeira, representada por sua descendência dos vaqueiros¹¹, e a segunda pela dor da venda de suas terras e conseqüentemente da perda delas.

Assim, percebemos que o deslocamento dos personagens tanto para São Paulo, quanto para cidades do interior da Bahia, como Feira de Santana, por exemplo, acarretaram conseqüências de ordem social, econômica e psicológica fragmentando as identidades dos sujeitos. O escritor buscou dar visibilidade as tensões internas sentidas pelos personagens ao deixar sua terra natal. A questão nesta discussão, é a volta desses personagens ao seu lugar de origem como uma espécie de busca por um lugar no mundo. O fragmento abaixo revela a espera pelo regresso de Nelo ao Junco pelo seu irmão Totonhim:

¹¹ Sobre o vaqueiro ser visto como um forte, consultar BOAVENTURA, Eurico Alves. Fidalgos e Vaqueiros. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989. Os elementos associados ao espaço sertão interior e pastoril representam a formação dos vaqueiros como homens bravos e heróicos. (SOARES, 2009, p.49). Segundo Soares, os escritos de Eurico Alves enveredaram para a importância da visibilidade da terra e da gente sertaneja. Ver consultar SOARES, Valter Guimarães. Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja. Feira de Santana: EDUFBA-Salvador / UEFS- Feira de Santana, 2009.

- Se ele estiver vivo um dia ele aparece, foi o que eu sempre disse. [...] Qualquer pessoa deste lugar pode servir de testemunha. Qualquer pessoa com memória na cabeça e vergonha na cara. Eu vivia dizendo: Um dia ele vem. Pois não foi que ele veio? (TORRES, 2013, p.09)

O regresso de Nelo para sua cidade natal, o Junco, revela a princípio a concretização de um tão aguardado reencontro. A reterritorialização de Nelo para o Junco pode ser compreendida como uma fuga da sua condição de não pertencimento. A saída e o retorno do personagem da sua terra, terra essa que o chama e o enxota, o ama e o enlouquece numa relação contraditória demonstra o entre-lugar no qual o personagem se movimenta. Porém, sua volta é um retorno final, o personagem se suicida demonstrando os dramas e tensões vividas pelo personagem que são findados com a morte. O próximo fragmento retirado do romance é o momento em que seu irmão Totonhim o encontra enforcado:

- Nelo - gritei da calçada. - Vem me ensinar como se flutua em cima de um tronco de mulungu. Me disseram que você já foi bom nisso. Não ouvi o que ele respondeu, quer dizer, não houve resposta. Não houve e houve. Na roça me falavam de um lugar pássaro mal- assombrado, que vinha perturbar uma moça, toda vez que ela saía ao terreiro, a qualquer hora da noite. Podia ter sido o meu irmão quem acabava de piar ao meu ouvido, pelo bico daquele pássaro noturno e invisível, no qual eu nunca acreditei. Atordoado, me apressei e bati na porta e bastou uma única batida para que ela abrisse e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão pendurado na corda, no armador da rede. - Deixe disso, Nelo - bati com a mão aberta no lado esquerdo do seu rosto e devo ter batido com alguma força, porque sua cabeça virou e caiu para a direita. -Deixa disso, pelo amor de Deus- tornei a dizer, batendo na outra face, e ele se virou de novo e caiu para o outro lado. Pronto. Eu nunca mais iria querer subir por uma corda até Deus. (TORRES, 2013, p.12)

A morte de Nelo desencadeia uma série de tensões, entre eles a descoberta da desilusão com a migração. Torres, ao criar esta narrativa, nos mostra a ligação extrema do homem com a terra, a saída e a volta, as esperanças e as desilusões, o início da vida e o seu final. Entre todos os personagens que compõe o romance, Nelo é o que melhor demonstra a fragmentação da identidade sertaneja. Ele não finca raízes pelos lugares por onde se movimenta, seja o Junco ou São Paulo. Este último, não foi para o personagem um lugar que apresentasse grandes diferenças da sua terra natal, o pequeno Junco. As experiências de Nelo na cidade grande não se afastavam das do cotidiano que ele havia deixado para trás, embora houvesse diferenças espaciais. O processo de desterritorialização e reterritorialização vividas pelo personagem não foi algo que permitiu a estabilização, mas demonstrou as complexas relações da transitoriedade entre o nordeste e o sul do Brasil.

Aqui vivi e morri um pouco todos os dias.
No meio da fumaça, no meio do dinheiro.
Não sei se fico ou se volto.
Não sei se estou em São Paulo ou no Junco.
[...] São Paulo é uma cidade deserta. (TORRES, 2013, p.63)

Nelo, então é um sujeito desterritorializado que permanece no entre-lugar. As decepções sentidas por ele se refletem na falta de um lugar no mundo. Um homem sem chão. A falta de sentido existencial e de vínculos leva o personagem a cometer suicídio. A morte foi a última saída para a fuga dessa situação de procura por um lugar no mundo.

A morte é um tema recorrente na literatura. E por fazer parte da vida humana pode estar relacionada a vários fatores e significados. A morte presente no romance estudado pode ser compreendida como a única via que o personagem encontrou para pôr fim a sua fragilidade frente aos problemas da existência humana. O suicídio de Nelo mostra também a morte dos sonhos de um sertanejo do interior da Bahia que migrou para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Essa situação de decepção foi além do individual, pois Nelo possuía uma importância social para a coletividade. O fato de Nelo ter ceifado sua própria vida pode ser visto como um ato anti-heróico na medida em que não o fez em defesa da coletividade. Assim, a morte do personagem ultrapassa o caráter do fim existencial do ser humano em si, pode ser interpretada como a morte simbólica.

No domínio literário, a morte ocupa um lugar privilegiado para a reflexão sobre a existência do ser humano. Segundo Isabel Ferreira (2006), a discussão sobre a morte em suas diferentes representações não pode ser dissociada do contexto social e cultural no qual se insere. Numa comparação com a forma em que a morte era enfrentada nas sociedades ocidentais até o século XIX, ocupando uma dimensão familiar com rituais de humanização, a autora assevera que nos nossos dias houve a perda destas práticas. A morte se tornou solitária, além da recusa de aceitação, o que a torna ainda mais trágica.

Em *Essa Terra*, o momento do suicídio de Nelo revela a busca por si mesmo. O retorno de Nelo para o Junco e o suicídio foram momentos trágicos revelando a situação-limite de impotência frente às expectativas do coletivo. A morte foi desprezada e renegada pela mãe do personagem. Ela não foi capaz de entender o que levou o filho que mais amava a cometer um ato tão inconcebível. O suicídio do

filho levou-a a um estado de loucura. Ela desconhecia a si própria com a seguinte indagação:

- Quem sou eu?

Faça essa pergunta a ele não a mim. Eu sei quem a senhora é. Não tenho dúvidas. Posso reconhecê-la mesmo no escuro desta sala, onde nos encontramos e nos avistamos, onde podemos confrontar os contornos de nossos vultos, muito mal definidos pela parca luz que vem do corredor. Esta sala um dia já se chamou "sala de visitas", lembra? Oh, se lembra. Agora a senhora é a única visita, mas não conta. Não veio aqui por sua livre vontade, eu sei. Todos nós tememos uma hora como esta. E porque a teme até nos sonhos, a senhora passou a vida encardindo as contas de seu rosário preto. Em cada prece um pedido: vida eterna para os filhos. Salvação para si mesma na eternidade. (TORRES, 2013, p.105)

Extremamente abalada com a situação trágica, a mãe enlouquece após a morte de Nelo. A condição humana da personagem mostra o desequilíbrio mental oriundo deste complexo processo de encarar o fracasso do filho, que também não deixa de ser também o seu. Totonhim, uma das vozes do romance descreve bem o estado de loucura em que sua mãe ficara com a morte do irmão, circunstância que o levou a vivenciar dois momentos difíceis numa mesma noite, como ele mesmo relata na narrativa:

Naquela noite tive dois trabalhos: velar um morto e levar minha mãe para um hospital de Alagoinhas, o que ficava mais perto. Não foi nada. Apenas trinta léguas de viagem. Quinze de ida, quinze de volta. (TORRES, 2013, p.110).

Havia a espera que Nelo retornasse ao Junco em ótima condição financeira, porém as experiências vivenciadas em São Paulo não foram as que se perpetuavam no imaginário dos que ficaram principalmente de sua família que acreditavam estar no Sul à sorte e a riqueza. No diálogo a seguir, retirado da terceira parte da obra, *Essa terra me enlouquece*, é notável a decepção sobre as expectativas criadas em relação à bagagem que Nelo trouxera de São Paulo:

- Já abriram a mala?

- Já.

- O que foi que ele trouxe?

- Nada.

- Não é possível. Eu não acredito.

- Pode ir ver. (TORRES, 2013, p.137)

A abertura da mala de Nelo é um fato que mostra a frustração dos que ficaram no Junco na esperança de progresso do filho da terra. No fragmento do romance a seguir, o próprio Totonhim, irmão de Nelo, narra quais foram às expectativas em relação à partida de Nelo para São Paulo.

[...] ele que, não tendo herdado um único palmo de terra onde cair morto, um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e quente de casimira, seus ray-bans, seu rádio de pilha-falardozinho como um corno- e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento em carne e osso. (TORRES, 2013, p.11)

O retorno de Nelo ao Junco após vinte anos no Sul é uma decepção para toda uma comunidade, que esperava um herói, um homem bem sucedido que havia ido buscar riqueza e civilização. No entanto, o que ocorre é um desencantamento provocado pelo suicídio do personagem. De herói para anti-herói, é assim que ele passa a ser visto pelos seus conterrâneos. E neste aspecto Torres se afasta dos romancistas clássicos, onde o herói, além de modelo a ser seguido, encarna e realiza os desejos da coletividade. Em *Essa Terra*, Torres constrói o perfil de Nelo em oposição aos grandes heróis conhecidos na literatura clássica. A jornada do personagem e as experiências negativas e desesperadoras vividas em São Paulo não são características de atos heroicos, mas de sofrimento e tensões individuais que fragmentavam o sujeito. A narrativa demonstra que Nelo se configura como um personagem atribulado, perdido, desiludido. Um sertanejo em constante busca pelo seu lugar no mundo. Nelo apresenta as dificuldades que passou em São Paulo, entre elas, o preconceito ao homem nordestino que precisava vencer os estereótipos já construídos que lhe atribuíam adjetivos negativos como ladrão, vagabundo e marginal. O personagem descreve uma situação em que está perdendo sua família, e, em uma tentativa de alcançá-los antes de tomarem um ônibus, foi preso confundido com um ladrão:

Eles me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no meio-fio da calçada. Berrei. Que meu berro enchesse a rua deserta subisse pelas paredes dos edifícios, entrasse nos apartamentos, despertasse os homens, as mulheres e as crianças, rachasse as nuvens pesadas e negras da cidade de São Paulo e fosse infernizar o sono de Deus: - Socorro. Estão me matando. (TORRES, 2013, p.55)

A situação de desespero citada acima e vivida por Nelo pode nos levar a compreendê-lo como um anti-herói. Um ser problemático que não consegue resolver seus dilemas e o suicídio que cometeu pode ter sido a escapatória para as angústias internas como a vergonha em não corresponder às perspectivas e esperanças de um povo. Este, que encara o fracasso de Nelo como sendo sua própria derrota. Os problemas financeiros pelos quais o personagem passava eram constante, desde a saída do Junco até seu retorno.

A figura do herói representado no romance moderno, segundo Lukács, citado por Ana Paula Klauck é centrada na subjetividade e vivencia as problemáticas de sua realidade. O herói presente no romance não simboliza a sociedade como um todo, mas vive centrado em seus próprios sentimentos. O romance lida com a natureza humana. O mundo social no qual o herói moderno está inserido é caracterizado pelo distanciamento das relações humanas devido à chegada do capitalismo e a individualização trazida por ele. O herói romanesco é visto por Lukács como um ser problemático sempre a procura do seu lugar no mundo. É um sujeito em constante busca pelo seu pertencimento por isso é incompleto e suas inquietações revelam os conflitos travados com o mundo a sua volta.

No texto criado por Torres percebemos que a migração possibilita a mistura de valores, de culturas, de linguagens, indicando o que os antropólogos chamam de Hibridismo Cultural. Sobre esta questão, Daniela Kern (2004) aponta algumas discussões sobre os processos de hibridização da cultura. Entre elas, a de Nestor Garcia Cancíni que estuda a hibridização como um sistema que permite a sobrevivência de uma cultura em meio à outra. Segundo a autora, Cancíni influenciou diversos teóricos da cultura e críticos literários como Teixeira Coelho (1997), que analisa as culturas híbridas como:

A hibridização refere-se ao modo pelo qual modos culturais ou partes desses modos se separam de seus contextos de origem e se recombina com outros modos ou partes de modos de outra origem, configurando, no processo, novas práticas. [...] A hibridização não é mero fenômeno de superfície que consiste na mesclagem, por mútua exposição, de modos culturais distintos ou antagônicos. Produz-se de fato, primordialmente, em sua expressão radical, graças à mediação de elementos híbridos (orientados ao mesmo tempo para o racional e o afetivo, o lógico e o alógico, o eidético e o biótipo, o latente e o patente) que, por transdução, constituem os novos sentidos num processo dinâmico e continuado. (COELHO, citado por KERN, 2004, p. 59).

A hibridização é, portanto, uma reconfiguração cultural, em que as diferentes culturas e os elementos que as formam se recombina numa dinâmica que produz novos sentidos, incluindo novos movimentos simbólicos. Essas transformações tendem a modificar a visão sobre a imobilidade das identidades através do estabelecimento de relações. Nos vários contextos apresentados em *Essa Terra* reconhecemos o cruzamento identitário como entre campo/cidade, por exemplo. A incorporação da fluidez identitária representa o sentido da colocação do sujeito no entre-lugar, assim a mobilidade de identidades pode ser compreendida. Sobre esta questão, Santiago (2000) ressalta que o contato entre povos diferentes, a princípio

causa estranhamento por conta dos hábitos, costumes e culturas completamente distintas. No entanto, a língua e a religião podem contribuir para a assimilação dos elementos de um grupo para o outro, como afirma o autor:

Esses códigos perdem seu estatuto de pureza e pouco a pouco se deixam enriquecer por novas aquisições, por miúdas metamorfoses, por estranhas corrupções, que transformam a integridade do Livro Santo e o Dicionário e da gramática europeus. O elemento híbrido reina. (SANTIAGO, 2000, p. 16)

A partir da análise do teórico citado, entendemos que a partir do contato e das relações estabelecidas entre os grupos, os elementos culturais como a língua e a religião sofre alterações de seus códigos primários. Há aí então a agregação de uma cultura a outra e os conceitos de pureza e unidade deixam de existir. O entrelaçamento da cultura ocidental e as culturas latino- americanas destruíram sistematicamente estes conceitos.

A maior contribuição da América- latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latinos- americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o novo mundo. (SANTIAGO, 2000, p.16)

De acordo com o autor, a América latina ajudou a desconstruir a ideia de superioridade cultural dos europeus, tornando elásticos os conceitos até então concebidos como imóveis e inflexíveis. A assimilação dos códigos culturais e simbólicos de um grupo para outro dissipa as concepções de extrema diferença e coloca os indivíduos participantes de culturas outras num processo de hibridismo cultural.

No romance estudado, os personagens acessam valores uns dos outros e assim acontece um processo em que as identidades culturais se entrelaçam, e os sujeitos mesmo sendo diferentes, participam e compartilham valores e práticas culturais. Na segunda parte do romance, *Essa terra me enxota*, vemos um exemplo.

- O sul acaba no Paraguai - Contou-lhe um tio da sua mulher, que finalmente apareceu no junco, a passeio, depois de muitos anos sem que ninguém soubesse se ainda estava vivo ou morto. -Eu sei porque estive lá. Conheço todo esse mundo palmo a palmo.
Ninguém diria que aquele homem já tinha sido um roceiro. Falava sabido, no seu novo modo aventureiro, dando a entender que por trás de cada palavra estava a inquestionável em experiência de um homem viajado. Não contava o que ouviu dizer, mas o que tinha visto. Era sabido também no vestir; sua roupa de todo dia aqui só se usava uma vez na vida no dia do casamento. Havia ainda o talho na cachola, o corte seco e descabelado que devia ter sido de um facão, como a provar a veracidade dos fatos. O talho

lembrava um rego no cocuruto de um monte queimado e, embora cuidadosamente encoberto por um faceiro chapéu de baeta podia ser notado toda vez que ele coçava o suor nos cabelos que ainda lhe restavam. Sim, tudo aquilo era verdade. O homem deixara um pedaço da sua carne pelo caminho, possuía o saber de quem viveu muito, em muitos lugares. (p.90) [...]

- E como são essas terras por onde o senhor andou seu Caboco?

- Muito boas- disse o homem.- A derrota são os mosquitos que não deixam ninguém dormir.

- O que se planta nesse Paraguai?

- Planta-se de tudo. Mas eu mesmo não plantava nada. Meu negócio era comprar bugigangas, para vender em São Paulo.

- Só que as bugigangas de lá dão muito mais dinheiro.

O homem viajado tirou uma caixinha do bolso, talvez querendo mostrar ao velho que suas bugigangas não podiam ser comparadas com as de qualquer dono de armarinho borra-botas. Disse que aquilo se chamava cinema. Era um esclarecimento. O velho tinha achado que a caixinha se parecia com uns óculos de alcance.

- Veja, isto é São Paulo.

-Virgem Maria!-ele nunca tinha visto prédio tão altos, cidade tão grande. As primeira reação foi de medo.

Tudo aquilo podia desabar sobre sua cabeça. O homem mexia na caixinha, mudava as imagens.

- Viaduto do Chá, Ibirapuera, Vale do Anhangabaú, Banco do Estado, Praça da República, Pacaembu.

Nomes estranhos, diferentes. O povo, a comida, o tempo também eram diferentes?

- Faz muito frio e a gente come muito. É por isso que eu estou tão gordo.

Nestas terras nada se parecia com a pobreza do Junco, continuou explicando. Havia gente de toda parte e dinheiro para todo lado. No começo trabalhou de pedreiro numa casa e foi chamado para comer deste jeito:- Menos vos dou, vamos manjar? - Sabe o que isso quer dizer na linguagem da gente?" É meio -dia. Vamos comer."

- E eles entendem o jeito da gente, seu Caboco?

- Uns demoram um pouco, mas acabam entendendo. (TORRES, 2013, p. 90-92)

A passagem apresenta a princípio, a incorporação de costumes alheios aos do personagem antes de migrar, como a forma de se comunicar e as vestimentas. Em seguida, o narrador apresenta a permanência de hábitos como o uso do chapéu de baeta. Reunidas estas colocações, observamos que as práticas culturais não são fixas e estão longe de identificar um determinado grupo. As experiências adquiridas pelos lugares onde passou reelaboraram as definições de sua identidade e cultura.

Os processos interculturais percorridos pelo personagem apontam através do contexto narrado que as culturas não são homogêneas uma vez que há a multiplicidade de sentidos construídos pelos sujeitos.

Diante das discussões tecidas neste capítulo, consideramos que a obra de Antônio Torres nos dá possibilidades de estudar as transformações e permanências no sertão- Junco construído por ele, as tensões entre o tradicional e moderno e a fragmentada identidade do homem sertanejo migrador. Embora, consideramos

importante ressaltar que a narrativa vai além do caráter regional, pois trata do homem com seus dramas e anseios. Logo, o romance apresenta uma abordagem universal. Nessa perspectiva, *Essa Terra* não está limitada ao que nela está inscrito, mas também as construções que podem ser feitas através das leituras. É necessário destacar que o romance de Torres também se configura como representação do universo dos personagens representados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária aqui estudada, *Essa Terra*, nos mostrou as possibilidades de aproximação entre as narrativas literárias, históricas e memorialísticas através de temáticas diversas analisadas pelo nobre escritor Antônio Torres. O trabalho evidenciou a riqueza das fontes literárias para o trabalho historiográfico, especialmente *Essa Terra*, romance repleto de peculiaridades, como a não linearidade da narrativa, o que a torna ainda mais instigante. Procuramos mostrar as interfaces da História e da Literatura. Entendemos que ambas são produtoras da realidade e que não existem significados fixos para as duas formas de escrita, sendo então entendidas como representações sociais.

Eis aqui algumas conclusões parciais do exercício de análise do romance. Essa trajetória expressa à multiplicidade de dizer e ver as identidades sertanejas. No decorrer do trabalho, elas foram se mostrando como plurais e heterogêneas. Os elementos constituidores dessas identidades sugerem as transformações e reformulações em torno dos movimentos fronteirísticos do homem no tempo. As identidades são construções históricas que resultam de discursos e práticas, não podem ser compreendidas como naturais ou concretas. A análise aqui desenvolvida primou por analisar as identidades sertanejas de alguns dos personagens criados no imaginário de Torres, com ações e sentimentos inerentes ao ser humano com suas histórias e vivências. O conceito de representação se configurou como importante na construção deste estudo e procuramos nos distanciar da dicotomia real/imaginário, verdade/ficção.

A região do Junco baiano foi apresentada ao leitor, ora como um lugar interiorano repleto de imagens preconcebidas como as construções sobre o sertão, ora como um local em que a modernidade chegava aos poucos na vida dos habitantes do lugar. A relação do homem com a terra e suas raízes foi discutida, por entendermos que participavam dos processos culturais e identitários que foram explorados. O homem aparece no romance como possuidor de identidades múltiplas, por isso também discutimos o conceito de hibridismo cultural para mostrar que estando numa região de fronteiras, os personagens reelaboram e reinventam seu modo de ser e de estar no mundo. A identidade sertaneja foi problematizada na perspectiva da pluralidade, dos movimentos. Entendemos que elas não são fixas, imutáveis e homogêneas, mas construções históricas e culturais.

Vale destacar que este estudo se constituiu como uma das possibilidades interpretativas para as temáticas analisadas por meio da relação entre a História e a Literatura. O texto literário é compreendido neste estudo como representação social e produtor de realidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, São Paulo: Cortez, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As sombras do tempo: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. Estudos históricos, Rio de Janeiro: vol. 8, n.151995, p145-151.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade Lembranças de velhos. In:_____. Companhia das letras, 3 ed. São Paulo:1994.

BOUDOUX, Adriana Silva Teles. ENTRE O CEU E O INFERNO: GARIMPANDO REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS NO ROMANCE DAS LAVRAS DIAMANTINAS. 2008.144f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana. 2008.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. O trabalho com a literatura: Memórias e histórias. Cadernos Cedes, Ano XX, N° 50, Abril/00.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas- estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. P.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. In:_____. 9 Ed. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2006.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa. Difel, 1990.

FERREIRA, Isabel Maria da Cunha. A morte em quatro narrativas brasileiras da segunda metade do século XX. 2006. 179f. Dissertação(Mestrado em Literaturas Românticas) Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 2006.

FREITAS, Elisabeth Ponte de. *Minha Terra*: Análise da representação da cidade natal na obra de dois artistas baianos: Junco na literatura de Antonio Torres e Santo Amaro da Purificação, na obra de Caetano Veloso. Faculdade de Comunicação da UFBA. Salvador. 2005.

FREIRE, Alberto. (org). Culturas dos sertões. Salvador: Edufba, 2014.

- GUND, Ivana Teixeira Figueredo. Por Essa Terra: Destinos itinerantes: os caminhos do sujeito migrante em Antonio Torres. 2006. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2006.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. In:--. A identidade cultural na pós modernidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2000.P.07-22.
- HALL,Stuart. Quem Precisa de Identidade?.In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. . Petrópolis: Vozes, 2007.p.103-133
- KERN, Daniela. O conceito de hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato. Méis: história e cultura-v. 3,n.6,p.53-70, jul/dez. 2004.
- LUKÁCS, Georg. A teoria do romance. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades/Ed.34, 2000.
- PESAVENTO. Sandra Jatahy. Palavras para crer- imaginários de sentido que falam do passado.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. História da Educação, ASPHE/ FaE/ UFPel, Pelotas, n. 14, p 31-45, set. 2003.
- PINTO, Julio Pimentel. Os muitos tempos da memória. Proj.História, São Paulo: vol, 17,1998. P-203-2011.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro:vol.2,n.3,1989,p.3-15
- PORTO, Patrícia de Cássia Perreira. Narrativas memorialísticas: Memória e literatura. Revista Contemporânea de Educação. Nº 12- agosto/dezembro de 2011.
- RICOUER, Paul, 1913. Tempo e Narrativa -Torno III/ Paul Ricouer: Tradução Roberto Leal Ferreira: Revisão técnica Maria da Penha Villela – Petit—Campinas, São Paulo: Papyrus. 1997.
- Sandra Jatahy Pesavento, « História & literatura: uma *velha-nova* história », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 26 février 2014. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1560
- SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. In:--. O entre- lugar no discurso latino-ameicano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.9-26.
- VASCONCELOS, Cláudia Perreira. Ser- Tão Baiano: o lugar da sertenidade na configuração da identidade baiana. Salvador: Edufba, 2012.

VALE, Ana Lia Farias; LIMA, Luís Cruz; BONFIM, Maria Geovani. Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil. Textos e debates, nº07. Disponível em: <http://revista.ufrb.br/index.php/textosedebates/article/view/1027/841>, acesso em 22/08/2015.